

ENSINO DE PLE E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER PELOS IMPLÍCITOS CULTURAIS NA CRÔNICA DO COTIDIANO

Siomara Ferrite Pereira PACHECO¹
NUPLE-PUC/SP; FMU/SP

RESUMO

Este trabalho situa-se na área de ensino de português língua estrangeira e na análise crítica do discurso com vertente sociocognitiva e tem por tema a representação da mulher em crônica do cotidiano. Tem-se por objetivo geral contribuir com o ensino de PLE e por objetivos específicos: examinar a representação do papel da mulher e averiguar como os implícitos culturais influem na leitura. Justifica-se a pesquisa na medida em que ensinar língua em um enfoque interculturalista amplia os conhecimentos do falante de modo a torná-lo capaz de reconhecer os marcos de cognição social da língua em aquisição, assim como de contrastá-la com a sua. Nesse sentido, a base teórica é de Silveira (2006) e de van Dijk (1987). Os resultados obtidos são parciais e indicam que a crônica pode ser utilizada para ensinar língua portuguesa de modo a propiciar que o falante reconheça os implícitos culturais que identificam o povo brasileiro

Palavras-chaves: Ensino de português. Crônica. Aquisição de língua.

Crônica: fundamentação teórica

Este trabalho situa-se na área de ensino do português - língua estrangeira e tem por tema a representação de mãe na crônica de Chico Buarque de Hollanda, compositor de música popular brasileira e de cuja produção selecionou-se o texto também considerado crônica pela crítica.

Essa classificação foi dada pela crítica da área de música popular brasileira, com a qual corroboramos, visto que a crônica é um tipo de texto opinativo, o qual trata tanto do cotidiano quanto da notícia e situa-se no Folhetim. No Brasil, esse tipo de texto circula em jornais, por exemplo, que têm acesso a um público popular.

Chico Buarque é, portanto, cronista do cotidiano brasileiro, mais especificamente das metrópoles brasileiras – São Paulo e Rio de Janeiro. Todavia, nossa hipótese é do autor ser considerado compositor de música popular brasileira por tratar dessa temática e não por ter acesso a esse público, tendo em vista a erudição de suas composições.

¹ Endereço Eletrônico: siomara.p@uol.com.br.

Tem-se por objetivo geral contribuir com o ensino de PLE com enfoque interculturalista e por objetivos específicos: 1) examinar como o papel de mãe é representado em crônica brasileira; 2) como os implícitos culturais guiam a leitura da crônica

Por tratar-se de crônica o texto em análise, entendemos que seja do tipo opinativo e como tal pertencente à classe de textos argumentativos. Entende-se que argumentar é levar o outro a acreditar, é construir opinião a partir da focalização que se dá sobre o tema tratado.

Toda crença, para van Dijk (1987) é uma forma de conhecimento sobre o factual, que pode ser de natureza individual ou social. Essas crenças, enquanto conhecimentos armazenados na memória a longo prazo, são os esquemas denominados “guias” pelo autor e, para ele, quando esses guias constituem o conjunto de representação do grupo, denominam-se “marcos de cognição social”.

A modificação dessas crenças é objeto do texto argumentativo. No caso da crônica, por exemplo, segundo Silveira (1999), há sempre polaridade, e, nesse sentido, há unidades que se agrupam por axiomas enunciativos, sendo que num polo está situado um ponto de vista que caracteriza a identidade cultural de um grupo e no outro, o ponto de vista do cronista, que dialoga com as cognições sociais.

Para van Dijk e Silveira, o Discurso são práticas sociais que se constroem na e pela sociedade. Por sua vez, a Sociedade constitui-se e é constitutiva de efeitos ideológicos que implicam raízes históricas relativas à Memória Social e à contemporaneidade, determinando a historicidade dos acontecimentos.

Os conhecimentos são formas de representações de mundo e, ao representar, as pessoas formam conhecimentos que são particulares da identidade de um povo. Esses conhecimentos também são crenças e, por serem avaliativas, trazem implícitos culturais em suas expressões linguísticas.

Desse modo, segundo Silveira (2006), o ensino de Língua não dever ser reduzido às estruturas gramaticais, “o dito”; é necessário ensinar ao aprendiz a explicitar o implícito, ou seja, o que se quer dizer, com o que foi dito, que nem sempre faz parte da cognição do falante nativo.

Entendemos que a cultura envolve os conhecimentos sociais e as experiências individuais. Os conhecimentos sociais são construídos em sociedade e, por ela, instaurados, de forma a guiar as atitudes das pessoas e seus conhecimentos individuais. Esses conhecimentos formam a identidade caracterizando os indivíduos pela consciência que estes têm de si próprios,

enquanto identificação pessoal. Todavia, um indivíduo forma sua identidade pessoal em sociedade.

Entendemos, pois, que a sociedade é um tipo de contexto cognitivo que se define pela estrutura social na qual há papéis diversificados por serem representados e suas formas de comportamento permitem que o indivíduo exteriorize a seleção do lugar que ele quer ocupar em diferentes grupos sociais.

As estruturas comportamentais e as funções sociais conduzem o indivíduo a escolher o lugar que tem de ocupar na estrutura social. Nessa perspectiva, a noção de identidade é uma questão que resulta da articulação do social com o individual.

As representações mentais têm natureza memorial e são ocorrentes, à medida que guiam os conhecimentos individuais, propiciando a atribuição de uma identidade social aos indivíduos, embora o que se constrói como representação recorrente na memória de trabalho tenha natureza opinativa e seja individual.

Assim, recorre-se à memória social para se buscar o marco de cognição em que a mulher representa a mãe em um contexto socioeconômico não prestigiado, no qual ela defende o filho da avaliação negativa que lhe é atribuída pelos valores dos grupos de prestígio.

Esse modelo de representação é ativado no processamento da leitura do texto a partir da linguagem expressa por meio da qual os implícitos culturais são também (re)constituídos pelos sujeitos na interação.

Desse modo, o modelo cognitivo que guia a leitura de um texto do tipo crônica está relacionado à identidade cultural implícita que é orientada ideologicamente por elementos que constituem valores de uma sociedade, no caso a brasileira. Nesse sentido, o leitor estrangeiro precisa ter essa representação para que possa compreender tais implícitos em um texto desse tipo.

Portanto, como já referido anteriormente, é necessário explicitar o que se encontra implícito no que foi dito, tornando possível a orientação da leitura e a compreensão do que está sendo avaliado pelo cronista, o que não se torna possível apenas por meio de estruturas gramaticais.

Nesse sentido, o sujeito enunciador parte do marco de cognição social do patriarcado que ideologicamente constitui a representação do(s) papel(is) da mulher na sociedade brasileira, modelo este que deve ser resgatado no momento da leitura pelo sujeito enunciatário, a fim de interpretar o julgamento, a avaliação que está sendo constituída sobre o tema.

Dessa forma, segundo Pacheco (2014: p.13):

A opção por crônicas musicais resulta da própria composição textual-discursiva delas. (...), enquanto gênero textual, trata-se de gênero tipicamente brasileiro por ter sido modificado, embora trazido da Europa no território nacional. Trata-se de um texto opinativo, cujo autor avalia o cotidiano da vida do brasileiro de forma a construir a sua opinião. As crônicas musicais de Chico Buarque de Hollanda, por terem por tema mais global o cotidiano do povo brasileiro, propiciam representações verbais complementadas com representações musicais de diferentes grupos sociais do Brasil.

No caso da crônica selecionada para este trabalho, diz respeito ao papel da mulher enquanto mãe, cuja representação que condiz com valores positivos está associada à sublimação desse papel, àquela que cuida da família e, conseqüentemente, dos filhos, sendo a guardiã do bem estar desse núcleo social. Todavia, a mãe representada no texto selecionado rompe com esse modelo, constituindo o que se avalia negativamente na sociedade.

Essa mãe é o protótipo da mulher marginalizada, que, além de não constituir uma família de acordo com os padrões estabelecidos socialmente, é mantida economicamente por um filho que também é marginalizado, cujo lugar social é de negação à cidadania, uma vez que seu trabalho é fruto de ações ilegais, como furtos de objetos alheios.

Assim como o filho, a mãe não tem um lugar social definido, bem como não tem cidadania, representando ambos “não-cidadãos”, sujeitos avaliados negativamente em uma sociedade capitalista que privilegia o sujeito produtivo. Ela, por não assumir um lugar “no lar”, papel constituído pelo casamento, a união com o sujeito masculino, que representa o lugar “fora do lar”, espaço em que tem total liberdade de expressão e de onde traz o sustento para a família.

O filho, portanto, deveria ser fruto dessa união avaliada positivamente pela sociedade, o que não ocorre no texto, uma vez que ele é resultado de um relacionamento avaliado negativamente pela mesma sociedade, pelo fato de a figura paterna encontrar-se ausente, o que configura a imagem da mulher não submissa às regras sociais a ela impostas.

Para que se compreenda tais afirmações, enuncia-se o texto *Meu Guri* de Chico Buarque e, em seguida, apresenta-se a análise proposta inicialmente.

Implícitos culturais na crônica do cotidiano

O meu guri

Chico Buarque - 1981

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei lhe explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí
Olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega suado e veloz do batente
E traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega no morro com o carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos tá um horror

Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo, eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá
Olha aí, olha aí

Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri

No texto, o papel da mulher é o de mãe, o que implica representações que são ativadas na memória do leitor para o processamento das informações expressas. Nesse caso específico, trata-se de uma mãe pertencente a uma classe social menos privilegiada, cujo filho busca nas ações ilícitas meio de sobrevivência e de ascensão social.

Podem-se verificar as afirmações por meio de expressões relevantes no texto, como, por exemplo, a própria forma de tratamento para com o interlocutor, em que há um distanciamento ao se dizer “seu moço”. Esta é uma forma de expressar uma certa inferioridade social em relação ao outro, por conter a representação de indivíduos que ao se comunicarem com outros, de classe social superior à sua, demonstram submissão na forma de tratamento, o que constitui um implícito cultural.

Na sequência narrativa, o sujeito enunciador, no papel da mãe, passa a enumerar as ações do filho, valendo-se de mais uma expressão popular – “chegar lá” – para avaliar positivamente o que é avaliado negativamente pela sociedade. O filho pratica atos considerados marginais por outros grupos sociais, mas para a mãe um meio de sobrevivência e de ascensão social. Em todo o texto, a cada sequência, o verbo “chegar” produz o elo entre a realidade e a fantasia.

Sabe-se que a expressão “chegar lá” indica a conquista de algo que normalmente é avaliado como sucesso no meio social e é dessa ascensão que a mãe trata ao referir-se ao filho. Todavia, verifica-se que para que tal empreendimento seja alcançado, ele vale-se de meios ilícitos, adquirindo objetos de outrem, transgredindo as leis sociais, motivo pelo qual acaba sendo morto pela polícia, tornando-se manchete de jornal.

Em nossa Sociedade, há grupos que avaliam positivamente o indivíduo que tem seu nome em colunas sociais, pois isso indica *status*, privilégio de alguns, acarretando um modelo social constituído ideologicamente, no qual se institui um padrão de conduta que implica em busca constante de sucesso para se destacar.

A mãe, no texto, faz parte de outro grupo social, o que não tem esses privilégios, ao contrário, é marginalizado, o que pode ser comprovado nos versos “Quando, seu moço, nasceu meu rebento/ Não era o momento dele rebentar/Já foi nascendo com cara de fome/E eu não tinha nem nome pra lhe dar.”

Observa-se, nesse trecho, as condições em que ela se encontra, de escassez de recursos para dar à luz uma criança, que é referida sempre como “meu guri”, como dito anteriormente, como o bem-sucedido filho, produto seu, mesmo que sem identidade.

Até mesmo o fato da fotografia do filho encontrar-se em destaque na página policial é motivo de orgulho para a mãe, tornando o que é negativo para a sociedade positivo para a mãe – ser manchete no jornal. E ela reitera sua avaliação, tratando-o por “meu guri”, expressão que é, inclusive, título do texto e que também traz implícito um marco de cognição social.

Observa-se que nessa expressão o pronome possessivo “meu” não tem esse valor de posse, pois ao formar a expressão no sintagma “meu guri”, pelo implícito cultural, sabe-se que se trata de uma forma de o sujeito ser avaliado de modo positivo, como o faz a mãe. Para ela, o filho não é apenas fruto da relação homem-mulher, mas ele representa-lhe motivo de orgulho, de admiração, condensados nessa expressão.

O pronome possessivo de primeira pessoa – *meu* – do ponto de vista gramatical, estabelece uma relação de proximidade, de intimidade com o sujeito que enuncia, ao mesmo tempo em que expressa a avaliação positiva sobre algo que está associado ao EU. É como se ele apresentasse o resultado de uma ação sua, já que é o “meu guri” e não simplesmente o “guri”.

A expressão “guri” também é relevante porque expressa a variante de outras formas de designação para um menino, ou seja, um ser do sexo masculino ainda em idade anterior à fase adulta. Há outras designações, como “moleque”, “pivete” etc. e todas elas estão ligadas a diferentes comunidades linguísticas. Essa forma de referir-se a um indivíduo jovem do sexo masculino é típica dos falantes que vivem no Rio de Janeiro e pertencem a uma classe social não prestigiada.

A mãe, que representa essa classe social, denomina assim o filho reiteradas vezes para expressar sua afetividade, tornando a expressão uma forma de colocar em evidência os feitos desse indivíduo, que aos olhos da sociedade é um sujeito marginalizado, mas que ela avalia positivamente por meio de todas as ações por ele praticadas. Tais feitos fazem do filho um herói na perspectiva de mãe, uma vez que ele “chegou lá”, isto é, porque tornou-se famoso ao ter sua imagem focalizada na manchete de um jornal.

Dessa forma, o texto constrói essa representação ao ativar esses conhecimentos do leitor brasileiro, que reconhece os implícitos culturais por meio de expressões linguísticas que remetem a eles. São esses implícitos que devem ser tratados na crônica de Chico Buarque no ensino de língua portuguesa, uma vez que resgatam valores culturais da nossa sociedade e estes contribuem com a identidade do nosso povo.

Nesse sentido, de acordo com Silveira (1998: p. 18)

(...)um professor de língua estrangeira precisa ter uma formação interculturalista para a interação comunicativa com seu aluno, a fim de ensiná-lo a experienciar

uma outra cultura, sem aculturá-lo, de modo a fazê-lo internalizar as formas de pensamento e conduta da outra cultura, tendo consciência das suas(...)
(...) a concepção de identidade cultural é a de contemporaneidade, de percepção comum que os grupos sociais têm de estados de coisas do mundo, embora haja variedade/variações para cada grupo(...)

Os resultados obtidos são parciais e indicam que o falante de outra língua pode, desse modo, compreender expressões que muitas vezes vê e/ou ouve no dia a dia nas diversas situações comunicativas, as quais, fora do contexto, não tinham sentido antes. Nessa perspectiva de se ensinar a língua portuguesa vinculada à cultura, os usos tornam-se concretos e o aprendizado realiza-se pelo uso efetivo da língua.

Acredita-se, como exposto no início desse texto, que esse tipo de leitura possa contribuir com o ensino de língua portuguesa para estrangeiro, tendo em vista que ele vai além do ensino de estruturas gramaticais, pois propicia a construção da identidade do povo que é representado linguisticamente pelo texto.

Considerações Finais

Como se pode verificar, a crônica é um gênero que pode ser utilizado como material autêntico no ensino de língua portuguesa como língua estrangeira, tendo em vista que

1. se trata de um texto opinativo e, portanto, constrói opinião por meio de sua organização textual-discursiva;
2. a avaliação é realizada implicitamente e é explicitada linguisticamente por estratégias do sujeito enunciador;
3. o leitor deve ativar representações que se encontram nos marcos de cognições sociais para compreender a avaliação que é manifestada em forma de texto;
4. o papel do professor deve ser de mediador entre os conhecimentos que o estrangeiro já tem e os que deve adquirir para compreender os implícitos culturais que se encontram manifestadas na língua alvo.

Esses resultados são parciais e constituem uma pequena parcela de contribuição para o ensino de PLE em um enfoque interculturalista, proposto por SIVEIRA (1998) e pelo NUPPLE. Desse modo, o professor não é visto como mero transmissor de conhecimentos, mas como o facilitador na aquisição de uma nova língua.

Referências

Pacheco, Siomara Ferrite Pereira. *Discurso, cognição e sociedade: texto e contexto na representação do feminino por Chico Buarque de Hollanda*. 2014. 210 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi (org.). *Português: língua estrangeira: perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi. “Marco de Cognições Sociais e a Construção Opinativa: a crônica brasileira”. *Ensino de Português para Estrangeiros – Ciclo de Palestras*. Org. NURIMAR, Judice. Niteroi, Ed. da UFF, 1999.

_____. “Aspectos socioculturais implícitos em Representações Linguísticas de “Novo/Velho” e “Moderno/Antigo, em Anúncios Publicitários Brasileiros.” In SANTOS, J.B.C dos & FERNANDES, C.A. (orgs.). *Análise do Discurso: objetos literários e midiáticos*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

Van Dijk, Teun. A. *La ciência Del texto*. Barcelona: Paidós, 1978.

_____. (1987). “El discurso y La reproduccion Del racismo”. IN: *Racismo y analise de los médios*. Trad. Esp. Paidós. Barcerlona, 1997.

TEACHING OF PORTUGUESE AS FOREIGN LANGUAGE AND WOMAN’S REPRESENTATION BY IMPLIED CULTURE IN CHRONICLE OF DE DAILY

ABSTRACT

This article’s subject is situated in the area of teaching of Portuguese foreign language and in the critical analysis of the speech with slope sociocognitiva and it has for theme the woman's representation in chronicle of the daily. It is had by general objective to contribute with the teaching of PLE and for specific objectives: to examine the representation of the woman's paper and to ascertain as the implicit ones cultural influence on the reading. The research in the measure is justified in that to teach language in an interculturalista focus it enlarges the way speaker's knowledge to turn himt capable to recognize the marks of social cognition of the language in acquisition, as well as of contrasting it with yours. In that sense, the theoretical base belongs to Silveira (2006) and of van Dijk (1987). The obtained results are partial and they indicate that the chronicle can be used to teach portuguese language to facilitate the speaker identify implied culture that for recognize the brazilian people.

Keywords: Portuguese teaching. Chronicle. Acquisition of language.

Envio: outubro/2018
Aceito para publicação: novembro/2018